



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 17 - Ano 9 - Nº 17 – 1º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/> -

ISSN 2317-8612
www.artezan.org

7 – A PERSONAGEM LÚCIFER: uma reflexão sobre os arquétipos do bem e do mal, o conflito existencial e o caminho de transformação para o encontro com a unidade¹

Maria Isabella Ramos Nogueira*

Resumo

Este artigo tem por objetivo reconhecer a existência de elementos discursivos na série americana *Lúcifer*², primeira temporada, que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do bem e do mal, tal como a relação do conflito existencial, o caminho de transformação pessoal e o encontro com a unidade. Adotou-se a abordagem metodológica transdisciplinar, considerando seus pilares: complexidade, níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído, por meio da revisão teórica sobre o tema fundamentado pela Transdisciplinaridade, a Logoterapia, o modelo arquetípico junguiano e a Semântica Discursiva. Como resultado, pode-se admitir que os elementos condizentes à semântica discursiva estabelecem uma relação harmônica entre os percursos de concretização do sentido, garantindo coerência e atualidade aos discursos presentes na série, apresentando uma perspectiva singular de Lúcifer que, por meio da ironia e do humor, convidam o telespectador à discussão entorno de valores oportunos ao desenvolvimento da cultura de paz, transitando pela quebra de paradigmas e pela desconstrução do estereótipo do mal, de sua imagem e de seu discurso.

Palavras-chave: Arquétipo. Figurativização. Tematização. Encontro.

* **Maria Isabella Ramos Nogueira** Bacharel em Letras, habilitação em tradutor e intérprete – português e inglês pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo com Especialização em Transdisciplinaridade e Desenvolvimento Integral do Ser Humano para a Cultura de Paz, pela Faculdade Vicentina de Curitiba em parceria com a Unipaz São Paulo. Carreira desenvolvida no segmento de ensino de idiomas, atuando como professora de língua inglesa na Escola SENAI Horácio Augusto da Silveira e como professora de língua inglesa e espanhola no Centro Guarulhense de Ensino de Línguas, podendo, assim, contribuir para o desenvolvimento intelectual e emocional dos alunos, tornando o processo de ensino-aprendizagem e comunicação em língua estrangeira mais acessível, estimulante e produtivo. Atualmente é empresária no segmento de alimentação escolar na rede SENAI.

¹ Artigo científico exigido para formação no curso de pós-graduação na Unipaz São Paulo, concluída dez/2017.

² Tradução da autora.

Introdução

Ao assistir a série norte americana *Lúcifer*³, primeira temporada⁴, e deparar-me com o incomum retrato do anjo caído, uma gama de questionamentos e reflexões surgiram quanto à quebra de estereótipos presentes no enredo e às respectivas escolhas e estratégias para a construção do sentido de seu discurso.

Apesar da trivialidade dos gêneros de ficção policial, o processo de desconstrução e transformação pessoal pelo qual passa a personagem teve profunda ressonância com o meu próprio processo de autoconhecimento e transformação pessoal ao longo da teia de 25 seminários da Formação Holística de Base (FHB) da Unipaz São Paulo, concluída em julho de 2017.

A cada etapa da formação, um novo convite à reflexão e à ampliação do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal lançaram-me em direção à novas dinâmicas nas relações interpessoais e profissionais e resultaram na expansão de consciência no plano pessoal, social e planetário, fundamentando, assim, a importância da Cultura de Paz.

Em *Lúcifer*, observa-se um anjo, cansado de viver como sempre viveu e profundamente insatisfeito com o rumo de sua existência, questionar-se quanto ao seu papel no jogo cósmico. Ao sair em busca de liberdade, mudança e novas experiências, decide viver entre os seres humanos e desfrutar do que a vida tem para lhe oferecer.

Tudo parece ir muito bem até que a personagem se depara com uma situação, até então, inusitada: a sua habilidade de expor os desejos escondidos das pessoas simplesmente não funciona com uma mulher em especial. A necessidade de compreender o porquê de isso acontecer, lança a personagem em uma jornada na qual, a cada episódio, o encontro com o outro, com a realidade humana e suas mazelas; leva-o a descobrir a humanidade em si e a encontrarse em uma profunda crise de sentido, a partir de seus conflitos internos entre o ser eterno e o vir a ser diferente.

³ Série de drama lançada pelo canal de televisão norte americano Fox, baseada na personagem homônima dos quadrinhos da DC Comics. Disponível em: <http://www.LÚCIFERbrasil.com.br/p/hqs-LÚCIFER.html>. Acesso em: 9 out 2017.

⁴ Estreia em 25 de janeiro de 2016 no serviço de transmissão online Netflix.

Ao retomar o pensamento do filósofo chinês Confúcio sobre a condição humana, Crema (2017) reitera que

[...] nós não nascemos humanos; nós nos fazemos humanos, através do investimento em trilhas singulares de individuação, da periferia do ego rumo à centralidade do Self [...] somos seres incompletos e, neste sentido, carentes de um aperfeiçoamento através do investimento nas dimensões não apenas físicas e materiais; também nos domínios da subjetividade, da alma profunda e da consciência (CREMA, 2017, p.21).

De acordo com Frankl (2015), “o homem destina-se verdadeiramente – e onde não mais, ao menos originalmente – a encontrar um sentido em sua vida e a realizar esse sentido” (FRANKL, 2015, p. 13). Para o autor, esse sentido não significa algo abstrato, antes disso, algo absolutamente concreto e compete ao homem a capacidade de procurá-lo e realizá-lo (FRANKL, 2015).

Na série, o telespectador assiste ao desenrolar de processo semelhante, pois que, ao encarnar na forma humana, o diabo acaba por deparar-se com situações que o levam a refletir sobre questões existenciais e a transgredir “os viciados e previsíveis trilhos normóticos (...) e a desbravar trilhas virgens, que serão inventadas pelos próprios passos” o que Crema denomina como “o vir-a-ser humano” (CREMA, 2017, p. 21).

Desse modo, o processo vivido pela personagem principal revela a inquietude de uma vida sem sentido e o emergir de valores universais que convidam à discussão em torno do desenvolvimento da cultura de paz, transitando pela quebra de paradigmas e pela desconstrução do estereótipo do mal, de sua imagem e de seu discurso.

Na série, a personagem Lúcifer Morningstar, um homem bonito, elegante, simpático, engraçado e inteligente; entediado e insatisfeito em ser o Senhor do Inferno, abdica de seu trono e abandona seu reinado para tirar férias na cidade de Los Angeles (EUA) onde, com a ajuda de sua guardiã Mazikeen, monta uma casa noturna chamada Lux. Com o assassinato de uma celebridade a quem Lúcifer ajudara a alcançar a fama, ele se envolve com a polícia de Los Angeles e inicia uma inusitada parceria com a detetive Chloe Decker a quem passa a ajudar na resolução de casos de homicídio com o <http://revistatransdisciplinar.com.br/> - www.artezin.org

intuito de encontrar e punir os responsáveis.

Em sua primeira temporada, *Lúcifer* teve audiência média de 4,5 milhões de espectadores por episódio somente no Estados Unidos⁵. Significa dizer que um número considerável de pessoas está assistindo a uma proposta de reflexão sobre a antiga dualidade entre o bem e o mal, porém, dessa vez, sob a perspectiva daquele que há muito tempo tem sido condenado ao papel de simbolizar o mal.

Aproximadamente 4,5 milhões de pessoas foram atraídas a assistir essa série, com a probabilidade de desenvolver um novo olhar sobre um arquétipo consagrado na cultura mundial, podendo, assim, repensar o lugar onde Lúcifer foi colocado ao longo da história e também a respeito de suas próprias contradições, como ocorreu comigo, levando-me a pesquisar sobre o tema dos arquétipos do bem e do mal.

Das minhas indagações internas frente ao universo de possibilidades do vir a ser apresentado na Formação Holística de Base (FHB), resultou a seguinte pergunta para essa pesquisa: a série *Lúcifer* oferece um discurso capaz de conduzir à reflexão sobre a dualidade, os arquétipos do bem e do mal, o conflito existencial e o caminho de transformação para o encontro com a unidade?

Assim, pretende-se com esse trabalho reconhecer a existência de elementos discursivos em *Lúcifer* que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do dualismo entre bem e mal; bem como a relação do conflito existencial, do caminho de transformação pessoal e do encontro com a unidade.

Espera-se, com isso, contribuir com o florescimento de novos questionamentos, novas possibilidades de percepção e reflexão sobre temas, figuras e discursos cujos estereótipos encontram-se consagrados no inconsciente coletivo da humanidade e, dessa forma, colaborar com o caminho de autoconhecimento e transformação pessoal daqueles que entrarem em contato com este artigo.

⁵ Pesquisa realizada por "The Nielsen Company" com base na primeira temporada exibida em 2016. Disponível: <<https://tvseriesfinale.com/tv-show/LÚCIFER-season-one-ratings/>>. Acesso em: 09 out 2017.

Objetivos

Geral

Reconhecer a existência de elementos discursivos na série americana *Lúcifer*, primeira temporada, que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do bem e do mal; tal como a relação do conflito existencial, o caminho de transformação pessoal e o encontro com a unidade.

Específicos

- Apresentar a revisão teórica referente à semântica discursiva;
- Analisar os processos de figurativização e tematização que concretizam o discurso;
- Apontar como os arquétipos do bem e do mal são retratados no discurso;
- Verificar como a dualidade e conflito existencial são abordados na série;
- Discorrer sobre a relação entre o caminho de transformação e o encontro com a unidade.

Metodologia

Para esse artigo, adotou-se a abordagem transdisciplinar, pois "implica essencialmente no diálogo heurístico e permanente entre a ciência, a filosofia, a arte e a tradição espiritual" (CREMA, 2017, p. 18). Tal abordagem baseia-se em três pilares: os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade.

De acordo com Nicolescu (1997), deve-se:

1. considerar cada problema não mais a partir de um único nível de Realidade, mas situando-o simultaneamente no campo de vários níveis de Realidade;
2. não mais esperar encontrar a solução de um problema nos termos de "verdadeiro" ou "falso" da lógica binária, mas recorrer a novas lógicas, particularmente à lógica do terceiro termo incluso: a solução de um problema só pode ser encontrada pela conciliação temporária dos contraditórios, ligando-os a um nível de Realidade diferente daquele no qual esses contraditórios se manifestam;
3. reconhecer a complexidade intrínseca do problema, isto é, a impossibilidade da decomposição desse problema em partes simples, fundamentais. Na ausência de fundamentos, ausência que caracteriza o mundo atual, "mudar de sistema de referência" também quer dizer tomar como fundamento precisamente a ausência de

fundamentos. Em outras palavras, substituir a noção de "fundamento" pela coerência deste mundo multidimensional e multirreferencial (NICOLESCU, 1997).

Dessa forma, ao buscar-se o estudo de um material artístico sob a forma de seriado televisivo dá-se o primeiro passo em direção ao estudo transdisciplinar, pretendendo tal encontro entre a ciência e a arte. Outro aspecto que impulsiona na direção do estudo transdisciplinar diz respeito à complexidade, uma vez que "a linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica" (FIORIN, 2003, p.8).

Ao propor uma análise da semântica discursiva do seriado, cabe salientar que o discurso não se trata de um aglomerado de frases, mas que apresenta uma estrutura na qual "é preciso estabelecer uma diferença entre um nível profundo e um nível superficial" (FIORIN, 2003, p.20). Para Fiorin (2003), uma formação social apresenta dois níveis de realidade: um de essência e um de aparência, isto é, um profundo e um superficial, um não visível e um fenomênico. Proporcionando, dessa forma, a abertura para a concepção dos variados níveis de realidade.

Procedimentos metodológicos

Para proceder à investigação, o trabalho será dividido em cinco partes. A primeira delas tratará da revisão teórica referente à Análise do Discurso quanto à semântica discursiva. A segunda parte, tratará dos processos de figurativização e tematização, seguido da análise da série *Lucifer*, primeira temporada, na qual se buscará identificar alguns dos percursos figurativos e temáticos e suas relações com a construção do discurso. A terceira parte abordará a questão dos arquétipos do bem e do mal e como eles são retratados no discurso. A quarta parte verificará como a dualidade e o conflito existencial são abordados na série. A quinta parte discorrerá sobre a relação entre o caminho de transformação e o encontro com a unidade.

Semântica discursiva

A Semântica é determinada como uma teoria da significação ou estudo do significado do texto e busca explicitar, sob

forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do seu sentido. Para ela, todo texto é produto do encontro de um plano de conteúdo linguístico (significado) com um plano de expressão linguística (verbal, gestual, pictórico etc.) e a esse encontro dá-se o nome de manifestação. Logo, explica Fiorin (2011), quando se manifesta um conteúdo por um plano de expressão, surge um texto.

Desse modo, a Semântica considera que a produção de sentido de um texto desenvolve-se ao longo de um processo de encadeamento de elementos semânticos, tal processo recebe o nome de percurso gerativo de sentido e conduz o leitor a uma compreensão mais eficaz da estrutura que produz o sentido de um texto.

Esse percurso consiste no que Fiorin (2008) denomina como um simulacro metodológico para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo. Dessa maneira, seu papel não é o de ensinar como se fabrica um discurso, mas o de mostrar ao leitor:

[...] aquilo que sabemos de maneira intuitiva, que o sentido do texto não é reduzível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma articulação dos elementos que o formam: que existe uma sintaxe e uma semântica do discurso (FIORIN, 2011, p. 44).

Fiorin (2003) define o discurso como sendo as combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usados pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo. Cabe salientar que discurso é uma unidade do plano de conteúdo, é o nível do percurso gerativo de sentido em que formas narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos (FIORIN, 2011).

É no nível discursivo que as variações de conteúdos narrativos invariantes são produzidas e revestidas de termos que lhe dão concretude. Tal concretização ocorre por meio da semântica discursiva que utiliza temas e figuras para revestir os esquemas

narrativos (FIORIN, 2011).

É, portanto, sobre a semântica discursiva que se pretende debruçar esse artigo, visto que ela oferece os recursos necessários para avaliar como a maneira de retratar a personagem de Lúcifer indica a forma com que o bem e o mal, a dualidade, o conflito existencial, a transformação pessoal e o encontro com a unidade são figurativizados e tematizados em seu discurso.

Tematização e figurativização

Tema é um investimento semântico que indica um elemento conceitual, não presente no mundo material, cuja função é categorizar e ordenar os elementos do mundo natural. São exemplos de temas: amor, paixão, orgulho, vergonha etc. Já figura é um investimento semântico que remete a algo (perceptível) do mundo natural, como por exemplo: luz, sol, azul, verde, brincar, correr, cantar etc. (FIORIN, 2011).

Assim, a tematização e a figurativização são dois níveis que concretizam de maneira gradual o sentido de um texto, uma vez que todos os textos tematizam o nível narrativo e depois esse nível temático poderá ou não ser figurativizado (FIORIN, 2011). Contudo, cabe salientar, conforme indica o autor, que para encontrar o tema por detrás da figura é necessário compreender que as figuras estabelecem relações entre si, resultando, assim, em um encadeamento de figuras que recebe o nome de percurso figurativo. Um texto pode apresentar mais de um percurso figurativo, isso dependerá da quantidade de temas manifestados.

A partir dessa base teórica, segue a análise da série norte americana *Lúcifer*, primeira temporada (2016), buscando identificar alguns dos percursos temáticos e figurativos que concretizam seu discurso.

No primeiro episódio da temporada, as personagens Lúcifer Morningstar e sua guardiã Mazikeen⁶ dedicam sua existência entre os humanos a usufruir dos prazeres carnais, à boemia e ao luxo. O diálogo entre

⁶ Esta personagem representa o demônio em forma de mulher que, de acordo com a narrativa, acompanhou Lúcifer quando este deixou o inferno, indo residir em Los Angeles. Ela trabalha ao lado de Lúcifer na boate Lux como seu braço direito e guarda costas.

os dois personagens indica a condição de sua presença na Terra:

MAZIKEEN: Por onde andou?

LÚCIFER: Escondido no castelo, copulando com uma jovem chamada Fé. É irônico, não é?

MAZIKEEN: Lúcifer, eu sou grande fã de sexo. Mas, não saí do Inferno para ser uma atendente de bar. Não deveria gastar seu valioso tempo fazendo algo mais significante. Você é o senhor do Inferno, caramba.

LÚCIFER: Estou aposentado, Maze. Tempo não me falta (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Até esse ponto, a forma como Lúcifer é caracterizado compõem o percurso figurativo do luxo e do sucesso financeiro. O ambiente característico da Lux (bebidas, música e sensualidade) compõe o percurso figurativo da boemia e da luxúria à qual os dois personagens devotam sua estadia entre os humanos. É por meio do diálogo supracitado que o telespectador toma conhecimento de que a personagem principal não é apenas um homem bem-sucedido, mas antes disso o senhor do inferno aposentado.

Em outro diálogo, dessa vez entre Lúcifer e a terapeuta Dra. Linda Martin⁷, no terceiro episódio intitulado “O quase príncipe das trevas”, a visão da personagem principal sobre o motivo de sua preferência por Los Angeles é abordada:

TERAPEUTA: De todas as cidades do mundo, Lúcifer... Por que você decidiu vir para Los Angeles?

LÚCIFER: Pela mesma razão dos outros. O clima, estrelas pornográficas e a comida mexicana (LÚCIFER, 2016, episódio 3).

Nesse contexto, a escolha da cidade de Los Angeles, como cenário para a residência do senhor do inferno, configura uma escolha não aleatória pelo autor da série, pois ao utilizar o recurso discursivo da ironia, tal escolha figurativiza uma sátira ao fato de o diabo escolher a cidade dos anjos⁸ para viver e desfrutar de sua aposentadoria. Assim, “o clima, estrelas pornográficas e a comida mexicana” são figuras que formam o

⁷ Psicoterapeuta de Lúcifer que troca seus serviços pelo prazer de sua companhia.

⁸ Tradução da autora.

percurso figurativo do inferno na terra: enquanto o clima (quente) e a comida mexicana (apimentada) figurativizam o fogo do inferno (GAARDER et al. 2000), estrelas pornográficas figurativizam a sensualidade e a lascívia.

No primeiro episódio, ao dirigir em alta velocidade pelas avenidas de Los Angeles, Lúcifer é perseguido e parado por um policial que solicita a sua documentação. O diálogo entre eles explicita a visão que Lúcifer tem dos humanos:

POLICIAL: Sabe por que te parei?

LÚCIFER: Óbvio que precisou exercer os seus poderes limitados e me punir por ignorar o limite de velocidade. Tudo bem. Eu entendo. Eu também gosto de punir as pessoas. Pelo menos, eu costumava gostar.

POLICIAL: Documentos e habilitação.

LÚCIFER: Agora mesmo.

POLICIAL: Está tentando me subornar, senhor?

LÚCIFER: É claro. Não é o bastante? Pegue mais, é só dinheiro.

POLICIAL: Isso é ilegal, senhor.

LÚCIFER: Vocês são divertidos com suas leis, não é? Por vezes, você quebra as leis, não é?

POLICIAL: Por vezes, eu ligo a sirene e sem motivo, dirijo muito rápido. Só porque eu posso.

LÚCIFER: Certo? Por que não? É divertido. É legal se safar de algo, não é? (...) você está tentado a aceitar, não está? Está esperando o quê? Permissão? Pegue. Compre algo bonito para si. Você merece. Se não se importa, preciso mesmo ir.

POLICIAL: Sim, claro. Tenha uma boa noite! (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Dessa forma, a corruptibilidade humana e a impunidade são outros dois temas apresentados: o primeiro figurativizado pelo suborno ao policial e o segundo por Lúcifer escapar impune por dirigir acima da velocidade permitida.

Ainda no primeiro episódio, a aparição da personagem Amenadiel⁹, um homem negro, forte, vestindo roupas longas e escuras e cujas asas negras de pontas afiadas se abrem em um momento de confrontamento a Lúcifer, revela que ele foi designado para levar o irmão de volta ao inferno. O diálogo empreendido pelas duas personagens destaca a personalidade irônica e bem-humorada de Lúcifer ao passo que indica uma personalidade mais séria e contida do irmão Amenadiel:

LÚCIFER: Amenadiel, como está grandalhão?

AMENADIEL: Seu retorno ao submundo foi solicitado.

LÚCIFER: Certo. Está bem, me deixe verificar minha agenda. Pois, aqui está. O 7 de nunca até o 15 de nunca vai acontecer. Como fica isso para vocês? Olha, lembre ao papai que eu saí do Inferno porque estava cansado de ser uma peça no seu jogo.

AMENADIEL: Vou avisar você sobre o desrespeito ao nosso pai, Lúcifer.

LÚCIFER: Nosso Pai me desrespeita desde o início dos tempos. Fala o roto do esfarrapado, não acha?

AMENADIEL: Você é uma zombaria das coisas divinas.

LÚCIFER: Obrigado. Mas, ultimamente, eu tenho pensado muito. Você acha que eu sou o Diabo por que sou inherentemente mau ou só porque o querido velho pai decidiu que eu era?

AMENADIEL: O que acha que acontece quando o diabo deixa o inferno?

LÚCIFER: Não sei. Não quero saber. Não é problema meu, irmão (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Nessa situação, Amenadiel figurativiza um anjo enviado à Terra para garantir que a ordem estabelecida pelo pai seja mantida. A discussão entre os irmãos tematiza o conflito familiar e sinaliza uma relação conturbada de Lúcifer tanto com o pai quanto com o irmão.

⁹ Irmão mais velho de Lúcifer cuja missão é convencê-lo a retornar para o inferno.

Tal tema resulta no plano de fundo dos episódios da primeira temporada e acaba sendo figurativizado de diversas maneiras ao longo da trama.

A questão étnica é outro tema que se faz presente através da forma com que os dois irmãos são caracterizados: um branco e outro negro. Essa figurativização indica uma possível quebra de estereótipo no que tange ao padrão popularmente conhecido de anjos brancos, loiros e vestidos em roupas claras; reforçando, com isso o aspecto irônico sobre a qual o discurso da série vai sendo construído.

A importância de encontrar o tema que confere sentido às figuras ou o tema geral que une os temas disseminados no discurso deve-se ao fato de que para o estudo de um texto não interessa a figura ou o tema, isolados. É necessário compreender o encadeamento dos mesmos, de seus percursos uma vez que é no nível dos temas e das figuras, na concretização dos valores semânticos da estrutura profunda que se dá a manifestação da ideologia (FIORIN, 2011).

Para Fiorin (2003), uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, ou seja, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo.

Dessa forma, o discurso de Lúcifer apresenta, no nível narrativo, a passagem de um estado de disjunção com a liberdade para um estado de conjunção com ela. Essa transformação é tematizada como a saída de Lúcifer do inferno e figurativizada por sua aposentadoria na Terra. No primeiro episódio, mais de um tema distinto é usado para revestir o entrar em conjunção com a liberdade: pelo luxo e sucesso financeiro (caracterização de Lúcifer), pela boemia e luxúria (caracterização da Lux) e pela corrupção e impunidade (suborno ao policial e escapar impune) (FIORIN, 2011).

Observa-se que, até esse ponto, a liberdade para Lúcifer repousa em características humanas associadas ao dinheiro, ao sexo e a imoralidade, ou seja, ela é figurativizada de acordo com as crenças que se tem do diabo e seu estilo de vida representa o que os humanos esperam

dele. Já a maneira com que os humanos são figurativizados revela a visão que ele tem da humanidade: corrupta, gananciosa, hipócrita.

Arquétipos do bem e do mal

Segundo Crema (2017), na abordagem junguiana, o arquétipo é um padrão instintivo e inato de conduta, fator atuante e dinâmico do próprio instinto, que se expressa por imagens primordiais. Já o inconsciente coletivo trata-se de uma psique objetiva, impessoal ou supra pessoal habitada por imagens primordiais, manifestações de um estrato anímico mais profundo onde se encontram imagens seminais e universais do ser humano, poderosa matriz arcaica da mitologia que se expressa na consagrada literatura, nas artes perenes e nas escrituras sapienciais (CREMA, 2017).

Para Menon (2008) toda cultura, de uma forma ou de outra, procurou personificar a maldade tanto quanto a bondade, dando-lhes face e personalidade. O diabo constitui uma dessas feições do mal, talvez a mais conhecida de todas. Sua origem pode ser percebida na cultura judaico-cristã, todavia transpôs essa esfera, vindo mais tarde, ao final da Idade Média e início da Idade Moderna, a tornar-se parte integrante da cultura ocidental (MENON, 2008).

No segundo episódio da temporada, ao caminhar por uma avenida repleta de artistas de rua, Lúcifer encontra um homem vestindo terno e gravata, falando ao microfone e segurando um balde no qual as pessoas que passam por ele depositam dinheiro. O diálogo entre eles expõe o discurso judaico-cristão conhecido acerca do diabo:

HOMEM: Salve a sua alma. Depende de você. Arrependa-se. Arrependa-se de seus pecados antes que seja tarde! É o fim dos tempos. O Diabo está entre nós.

LÚCIFER: Padre, você não sabe o quanto está certo. Mas não há com o que se preocupar. Aproveite a vida.

HOMEM: Deus te abençoe. Você já viu o rosto do Diabo?

LÚCIFER: Toda manhã no espelho, camarada.

HOMEM: Exatamente. Ele está em todos nós. Em cada momento nosso de fraqueza. Veja o mundo. O pecado. A luxúria. É obra do Diabo.

LÚCIFER: Não. Não me dê crédito por tudo isso. Vocês humanos se saem muito bem sozinhos.

HOMEM: Qual o seu problema, camarada?

LÚCIFER: Perdão?

HOMEM: Por que você não sai daqui? Não vou dividir as gorjetas, se é o que você quer.

LÚCIFER: Certo. Então, isso é uma encenação? É como o Chewbacca e o Homem Aranha lá atrás. Admito, você é muito bom.

HOMEM: Por que não vai incomodá-los? Você está atrapalhando os meus negócios. Arrependam-se! O Diabo...

LÚCIFER: Não terminei com você ainda. Sabe, o que eu odeio mais do que tudo é um mentiroso. Um charlatão. Alguém que não acredita no que diz.

HOMEM: Então, o que você fará a respeito?

LÚCIFER: Farei você acreditar, é claro.

[Lúcifer transfigura seu rosto humano em outro de pele vermelha e olhos de fogo]

HOMEM: Afaste-se! Ele é o Diabo! Vocês não entendem, isso não é uma encenação! Ele é o Diabo!

LÚCIFER: É verdade. Obrigado a todos. Estou aqui até o fim dos tempos (LÚCIFER, 2016, episódio 2).

Nesse diálogo, a figura arquetípica do diabo cuja presença ainda é marcante enquanto justificativa de toda a barbárie, de todo pecado e de toda frustração que possam vir a ocupar a vida do homem encontra-se tematizado na fala do padre/ator. No entanto, apesar de suas palavras, é sua atitude que revela um caráter dúvida e hipócrita ao pregar uma coisa e fazer outra, atribuindo a um terceiro, no caso o Diabo, a responsabilidade sobre suas ações falhas.

Em outros dois diálogos, dessa vez entre Lúcifer e a detetive ChloeDecker¹⁰, a fala da personagem principal ironiza as atribuições e as descrições que os humanos lhe conferiram:

¹⁰ Detetive de homicídios da polícia de Los Angeles com quem Lúcifer começa a trabalhar como consultor.

LÚCIFER: Os pecados não. Não tenho nada com eles. Não sei porque me execram por isso. Tenho a habilidade de arrancar os desejos proibidos. Pessoas mais simples, mais fácil. Pessoas complexas, mais difícil e empolgante. Mas, os pecados são por conta de vocês (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

.....

DETETIVE: Está bem. Digamos que você seja o diabo. Todo poderoso, imortal e tal.

LÚCIFER: Então, isso quer dizer que acredita em mim? Sinto dizer que não posso te mostrar o rabo como prova.

DETETIVE: Nem tem chifres.

LÚCIFER: Não, não tenho. Isso são coisas de filmes e TV. Eles sempre retratam errado (LÚCIFER, 2016, episódio 4).

Percebe-se, com isso, o descontentamento de Lúcifer quanto à forma com que os humanos o enxergam bem como a sua insatisfação diante do fato de ser responsabilizado pelos crimes dos outros. Para ele, a humanidade não comprehende que ele não é maligno e nem o culpado pelas ações nefastas no mundo, mas aquele que pune os culpados e os maus, motivo pelo qual ele foi enviado ao inferno.

Diante desse quadro, revela-se a possibilidade de se pensar a condição de Lúcifer como um cargo, uma função atribuída a um ser por seu criador, seu pai, no caso, Deus; e não de uma personificação do mal. Dois diálogos empreendidos por Lúcifer e Amenadiel, no segundo e sétimo episódio, respectivamente, explicitam essa possibilidade:

AMENADIEL: Você já foi o mais brilhante dos anjos de Deus, Lúcifer. E agora, olhe para você.

LÚCIFER: Se veio me dar sermão guarde para você...

AMENADIEL: Na verdade, vim fazer uma oferta (...) volte ao inferno, Lúcifer e falarei com o pai.

LÚCIFER: Está com medo, não é? Se eu não voltar ao Inferno, você terá que assumir.

AMENADIEL: Isso nunca aconteceria.

LÚCIFER: Não. Digo, Deus nunca enviou o seu filho favorito para governar o Inferno antes, não é? (LÚCIFER, 2016, episódio 2).

AMENADIEL: Lucy, desde sua partida triunfal do Inferno, eu tive que vigiar os portões. Eu tenho que manter as almas condenadas sob controle, um trabalho que eu detesto (LÚCIFER, 2016, episódio 7).

Portanto, considerando os percursos temáticos adotados ao longo dos episódios, verifica-se que, apesar da caracterização de Lúcifer associá-lo a temas como boemia, luxúria, corrupção e impunidade; por vezes é ele quem apresenta as virtudes associadas ao arquétipo do bem, tais como: amizade, contenção, empatia, honestidade, lealdade, misericórdia e generosidade. Em contrapartida, confere à parte dos personagens humanos a representação das fraquezas associadas ao arquétipo do mal, a saber: charlatanismo, egoísmo, falsidade, ganância, mentira, vingança e traição, caracterizando, assim, o conflito humano entre o bem e o mal (FIORIN, 2011).

Dualidade e conflito existencial

O que garante coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso. Essa recorrência recebe o nome de isotopia e oferece ao leitor um plano de leitura, um modo de ler o texto (FIORIN, 2011). Completam Greimas e Courtés (1983) referente à semântica discursiva, nesta, a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que ela permite suprimir ambiguidades.

Em *Lúcifer*, as cenas nas quais a personagem principal é apresentada como um homem jovem, conquistador, com alto poder aquisitivo levando uma vida social intensa e cheia de diversão estabelecem um primeiro plano homogêneo de significação, o da isotopia humana, conforme indica Fiorin (2011). Outras cenas, no entanto, introduzem características diferenciadas de certos personagens. A primeira delas é a cena em que Lúcifer recebe a visita do irmão Amenadiel que além de portar asas negras e pontiagudas também possui a singular capacidade de desacelerar o tempo. Algo incomum também acontece na cena em que

Lúcifer abraça a personagem Delilah¹¹: ambos são alvos de uma série de tiros e caem ao chão, porém, instantes depois, ele recobra a consciência e se levanta sem nenhum ferimento, ao passo que a amiga está morta e ensanguentada.

Dessa forma, possuir asas, desacelerar o tempo, não ser ferido por balas de revolver são características não condizentes às capacidades dos seres humanos. Em verdade, elas contrapõem o primeiro plano de leitura na qual Lúcifer é apenas um homem rico e *bon-vivant* (isotopia humana) e revelam habilidades e poderes diferenciados que podem ser atribuídas à divindade.

Essa sequência de figuras, de acordo com Fiorin (2011), funciona como desencadeadora de isotopia e propõem um novo plano de leitura, o da isotopia divina. Outra característica que sustenta essa sobreposição da isotopia divina sobre a humana é a habilidade da personagem principal de arrancar confissões dos outros personagens da trama quanto aos seus desejos obscuros e proibidos. Uma das cenas na qual isso é demonstrado é a de um casamento que Lúcifer interrompe com o intuito de interrogar o noivo sobre seu possível envolvimento na morte de Delilah, supondo a relação de ambos.

Apesar de não conseguir uma confissão do noivo, que consegue se desvencilhar do olhar de Lúcifer, é a noiva, outra personagem da cena, que cede ao seu charme e com um olhar de encantamento, confessa não estar casando por amor e que tampouco deseja ter relações sexuais com o futuro marido.

Dessa forma, os aspectos que caracterizam o divino no humano são indicadores de isotopia, ou seja, são elementos não evidentes à imagem proposta inicialmente (no caso, a rotina de um homem), mas que conduzem a uma interpretação diferente à medida que esses elementos são dispostos ao longo das cenas. A partir do momento em que esse fenômeno é assimilado, a série desperta a curiosidade do telespectador, que passa a assisti-la sob a ótica da segunda isotopia (divina) que se sobrepõem à humana (FIORIN, 2011).

Contudo, no quarto episódio intitulado “Novidades Masculinas”, na cena em que Lúcifer intermedeia a resolução de um

¹¹ Cantora a quem Lúcifer ajudou a alcançar a fama e que trabalhou na casa noturna Lux.

suposto sequestro de uma mulher, algo inesperado acontece. A detetive Chloe Decker acaba vendo a face transfigurada de Lúcifer refletida na superfície espelhada de um equipamento do galpão em que se encontram. O diálogo entre eles insere uma nova perspectiva na trama:

DETETIVE: Quem é você? O que é você? O que você fez?

LÚCIFER: Olha, eu tenho tentado te dizer, eu sou o Diabo.

DETETIVE: Isso, isso não é possível.

LÚCIFER: Eu garanto a você que é, detetive. Quero dizer, você mesma disse que tem coisas que não pode explicar. Precisa de mais provas? Você tem a arma. Vá. Atire em mim.

DETETIVE: Não. Não posso atirar em você?

LÚCIFER: Claro que pode. Continue, é só apertar o gatilho. Manda ver.

DETETIVE: Não.

LÚCIFER: Atire em mim, detetive. Por favor. Talvez você finalmente perceba... *[Chloe dispara contra a perna de Lúcifer]*

LÚCIFER: Bom pra você! Viu? Quase não dói.

DETETIVE: Não acredito.

LÚCIFER: Na verdade, não, está doendo um pouco. Deus, está doendo muito. Filha da mãe, isso dói mesmo! Estou sangrando.

DETETIVE: Você está sangrando?

LÚCIFER: Estou sangrando.

DETETIVE: Caramba, é claro que você está sangrando. O que eu fiz?

LÚCIFER: Eu não sangro.

DETETIVE: Lúcifer, eu sinto muito. Você está bem?

LÚCIFER: O que significa isso? (...) dói demais! O que está acontecendo comigo? (LÚCIFER, 2016, episódio 4)

Ao retornar mancando para sua boate, Lúcifer surpreende Mazikeen e o diálogo entre eles revela a gravidade do assunto:

LÚCIFER: Eu sei. Dia difícil no trabalho.

MAZIKEEN: O que aconteceu com você?

LÚCIFER: Você nunca vai imaginar. Ela atirou em mim e eu sangrei.

MAZIKEEN: O que? Isso não é possível.

LÚCIFER: Eu sei!

MAZIKEEN: O que está causando isso? Tem algo que você não está contando para mim?

LÚCIFER: Não pense muito nisso. É excitante!

MAZIKEEN: Não, é perigoso! Já nos divertimos aqui, Lúcifer. Mas isso não pode acontecer. Diga-me que vamos para casa.

LÚCIFER: Pelo contrário, Maze. A diversão acabou de começar (LÚCIFER, 2016, episódio 4).

Desse modo, a possível mortalidade de Lúcifer propõe a superposição da isotopia humana sobre a divina, uma vez que os poderes sobre-humanos do Diabo parecem não funcionar apropriadamente no plano terrestre (FIORIN, 2011). Percebe-se, diante disso, que uma gama de novas possibilidades se desdobra diante da personagem principal, vindo de encontro à sua sede por mudança e revelando, a partir desse ponto, o caráter dual de sua experiência entre os humanos, evidenciado pela fala da própria personagem “Eu sou o Diabo. Historicamente invencível. Até agora. E é isso que torna esse caso tão interessante. Perigo real! É a oportunidade perfeita para descobrir minhas outras qualidades mortais” (LÚCIFER, 2016, episódio 5).

A dualidade entre o ser eterno e o vir a ser diferente, todavia, resulta em uma situação impensada por Lúcifer: o enfraquecimento de suas defesas e o contato com as suas emoções. O diálogo empreendido por ele e sua terapeuta, Dra. Linda, em uma sessão demonstra isso:

LÚCIFER: Três Brittanies na jacuzzi. Por que eu não fui?

TERAPEUTA: Por que você acha que não foi?

LÚCIFER: Não sei, doutora. Isso é o que eu lhe pago para descobrir, não é?

TERAPEUTA: Já considerou que esse excesso de festas pode ser uma tentativa de preencher um vazio?

LÚCIFER: Tentativa? Preenchi cinco vazios ontem à noite.

TERAPEUTA: Não foi isso que eu quis dizer. Um vazio em sua vida emocional. Você parece solitário.

LÚCIFER: Solitário? (...) nunca estou sozinho. Estou sempre cercado de pessoas. Dou festas quando quero, minha cama nunca esfria.

TERAPEUTA: Lúcifer, estar sozinho e ser solitário são coisas bem diferentes.

LÚCIFER: São?

TERAPEUTA: São. Pode estar cercado de pessoas, mas considera de verdade alguma daquelas pessoas como amigo?

LÚCIFER: Meu “amigo”?

TERAPEUTA: Alguém que respeite. Alguém que goste de estar junto. Alguém com quem tenha uma conexão significativa.

LÚCIFER: Bom, eu e você nos conectamos muito bem.

TERAPEUTA: Falo da sua vida pessoal. E a Maze?

LÚCIFER: Não. Temo que estejamos brigados. Uma longa história cheia de traição. Na verdade, você faz parte dela.¹²

TERAPEUTA: E quanto à detetive Decker? Você a considera como amiga?

LÚCIFER: Para ser sincero, eu não tenho certeza do que somos (LÚCIFER, 2016, episódio 9).

Frankl (2015) afirma que o psiquiatra de hoje encontra muito frequentemente a

vontade de sentido, não raras vezes, em forma de frustração. Para o autor, não há somente a frustração sexual, a frustração do instinto sexual ou, em termos gerais, a da vontade de prazer, mas também aquela frustração existencial, ou seja, um sentimento de ausência de sentido na própria existência. Defronta-se, nesse ponto, com um fenômeno humano que o autor considera fundamental do ponto de vista antropológico: a autotranscendência da existência humana. Para ele, o ser humano sempre aponta para algo além de si mesmo, para algo que não é ele mesmo – para algo ou para alguém: para um sentido que se deve cumprir, ou para um outro ser humano, a cujo encontro nos dirigimos com amor. Em serviço a uma causa ou no amor a uma pessoa, realiza-se o homem a si mesmo.

Em *Lúcifer*, a experiência humana do Diabo desenrola-se em um cenário de valorização da liberdade e do prazer, tematizado, como visto anteriormente, pela boemia e pela luxúria. Não obstante, a questão da mortalidade surge toda vez em que Lúcifer está próximo da personagem ChloeDecker, alguém que o surpreende constantemente ao longo da série e por quem nutre certa admiração e espanto visto que ela é a única pessoa com quem seus poderes não se aplicam desde o primeiro encontro.

Quando eles se conhecem, Chloe está enfrentando um passado que, de certa perspectiva, é parecido com o dele: após opor-se à opinião de todo seu departamento policial em um determinado caso, ela tem sua “queda” e acaba exilada e desacreditada pelos demais colegas de trabalho. Quando a parceria dos dois se estabelece, torna-se oportunista, visto que Lúcifer reconhece e apoia a habilidade e competência profissional da detetive, como mostra a falada personagem: “Mulher policial atraente lutando para ser levada a sério em um mundo machista (...) Bem, eles estão ameaçados. Você é inteligente e tem instinto notável. Ignore-os. Confie em si mesma” (LÚCIFER, 2016, episódio 1).

Pouco a pouco, Lúcifer percebe que, quando está longe de Chloe, seus instintos mais obscuros, adquiridos em anos torturando pessoas no Inferno, ficam livres e, por isso, seus poderes se mantêm ativos bem como sua imortalidade. No entanto, quando estão juntos, sua invulnerabilidade

¹² Lúcifer faz menção à situação em que Amenadiel se fez passar por terapeuta vizinho de sala da Dra. Linda com o intuito de obter vantagem na disputa com o irmão.

desaparece, tornando a presença dela uma ameaça. Novamente, o diálogo com a terapeuta Dra. Linda o ajuda a vislumbrar seu conflito:

LÚCIFER: Acredita que o detetive Von Babaca me chutou do caso?

TERAPEUTA: E a Chloe concordou?

LÚCIFER: Ela não discordou. Como ela pode achar que eu seria capaz? Isso. Por isso eu saí. Achei que ela me conhecesse. Achei que eu a conhecesse.

TERAPEUTA: E agora não confia mais nela?

LÚCIFER: É essa coisa da imortalidade. Por algum motivo a detetive Decker me deixa vulnerável.

TERAPEUTA: Também conhecido como “intimidade”.

LÚCIFER: Não, ela literalmente me faz sangrar.

TERAPEUTA: Ficar vulnerável pode ser assustador. Mas, há benefícios quando se abre para alguém.

LÚCIFER: Eu queria saber quem está por trás disso. Meu pai, meu irmão, outra pessoa? Parece que a detetive não sabe, mas ela pode estar mentindo. Será que ela faz do plano para me matar ou é só um peão?

TERAPEUTA: Talvez devêssemos explorar a possibilidade de que a vulnerabilidade seja algo bom.

LÚCIFER: Não, não pode ser! Significa que se está à mercê de outra pessoa.

TERAPEUTA: Então talvez devesse se afastar de todos. Se afastar da Chloe.

LÚCIFER: Mas não quero.

TERAPEUTA: Então não se afaste (LÚCIFER, 2016, episódio 12).

Assim, conforme a trama se desenvolve, verifica-se que em sua busca por compreender a detetive e os humanos, Lúcio acaba descobrindo cada vez mais sobre si mesmo. Do encontro com o outro, depreende-se que Chloe deserta em Lúcio

a sua própria humanidade, colocando-o de cara com a sua própria sombra a ponto de impulsioná-lo na procura pela sua própria luz.

Crema (2017) revela um possível sentido ao indício do conflito primordial da personagem central: a descoberta da humanidade e da vulnerabilidade em si revela o conflito intrapessoal vivido por Lúcio e o coloca, ao que parece, na trilha iniciática, uma peregrinação labiríntica da superfície do ego ao relicário do Ser (CREMA, 2017).

Caminho de transformação e o encontro com a unidade

As dimensões do encontro, segundo Crema (2017), constituem-se por esferas, climas e paisagens com diversos graus de sutileza e abrangência, em círculos concêntricos que se adentram da persona à sombra, ao inconsciente familiar, ao simbólico, ao coletivo transexistencial, ao cósmico, até a aguçada e numinosa ponta do angelical, fronteira entre a existência e a Essência, o que realmente se é e que permanece no coração efêmero do que passa, do que se está sendo. Distintas e convergentes pegadas e digitais da totalidade do fenômeno humano implicadas no Grande Encontro.

Ao final do primeiro episódio da série, Lúcio retorna ao consultório da personagem Dra. Linda Martin, psicóloga da vítima do caso que ele ajudara a solucionar, com a justificativa de que a estava procurando para discutir alguns dilemas existenciais. A terapia se desenvolve ao longo dos episódios e ele a procura todas as vezes que não entende algo pelo qual está passando. Dra. Linda, por sua vez, ao deduzir que seu cliente está usando uma metáfora para se expressar, passa a ajudá-lo a analisar os acontecimentos e situações que o incomodam.

No sexto episódio, intitulado “Filho favorito”, o diálogo entre eles, durante uma sessão, expõe a profundidade do conflito existencial em que se encontra a personagem principal:

TERAPEUTA: (...) a sensação de perda conecta-se com o que sentimos sobre quem somos.

LÚCIFER: (...) quer falar sobre a minha identidade.

TERAPEUTA: Sim, porque você é o Diabo. Você disse os seus nomes, mas deixou alguns de fora. Abadom, Belial, Príncipe das Trevas (...), mas antes de cair você era conhecido como Samael, o Portador da Luz.

LÚCIFER: Eu não atendo mais por esse nome.

TERAPEUTA: É um nome que denota o amor de seu pai por você.

LÚCIFER: Jogar o seu filho no Inferno também foi uma expressão de seu amor?

TERAPEUTA: Deus não o expulsou do céu por estar bravo com você.

LÚCIFER: Como ousa presumir as intenções de Deus?

TERAPEUTA: Eu não fiz isso. Não posso (...) talvez essa simplicidade ofereça uma perspectiva diferente para mim. Deus o baniu porque precisava que você fizesse o trabalho mais difícil. Foi um presente.

LÚCIFER: Presente? Ele me isolou. Ele me difamou. Fez de mim um torturador! Consegue entender a profundidade disso? Ficar para sempre recepcionando os mortos para a autopunição? Por que me culpam por todos os pecados? Como se passasse os meus dias sobre os ombros deles, forçando-os a cometerem atos que acham repulsivos. 'Oh, o Diabo me induziu!' Nunca os obriguei a fazer nada. Nunca.

TERAPEUTA: O que aconteceu com você foi injusto.

LÚCIFER: Injusto? Isso foi perverso. Por toda a eternidade meu nome será sinônimo de depravação. Esse é o presente que meu pai me deu.

TERAPEUTA: Foi um ato de amor.

LÚCIFER: Como você sabe?

TERAPEUTA: Porque você é o filho favorito dele, Samael.

LÚCIFER: Não me chama assim, por favor.

TERAPEUTA: É o anjo caído dele. Acontece que, quando os anjos caem, eles também ascendem. Só precisa aceitar quem você é.

LÚCIFER: Não consigo.

TERAPEUTA: Consegue sim. Só precisa se abrir ao processo.

LÚCIFER: Você não entende, eu não consigo!

TERAPEUTA: Mas por quê?

LÚCIFER: Porque elas¹³ foram roubadas de mim (LÚCIFER, 2017, episódio 6).

Segundo Crema (2017), à expressão mais visível e superficial, do pacote de memórias assumidas e representadas no palco social dá-se o nome de persona. Essa, por sua vez, constela os traços e os papéis típicos que configuram o cartão de visitas e a pose estereotipada nas fotografias, enfim, a maneira característica com que se apresenta e se movimenta na arena sociocultural. Já a sombra, refere-se ao eu oculto, ao outro lado que se expressa compulsivamente através de sintomas, lapsos e tiques incontroláveis, constelando, assim, elementos dissonantes e frequentemente opostos aos da persona (CREMA, 2017).

Nota-se que o processo terapêutico experimentado pela personagem principal vem propiciar a expansão de sua percepção acerca de quem ele é verdadeiramente, apontando para o problema da identificação com os papéis exercidos. A fala da personagem Dra. Linda vem reforçar algo abordado anteriormente no que tange à possibilidade de se repensar a condição de Lúcifer enquanto uma atribuição, um papel que o pai o confiou, o qual a humanidade o condenou e não a um ser essencialmente mau. Contudo, ao longo dos episódios, verifica-se que em todos os momentos nos quais Lúcifer sente ira e raiva diante de alguma injustiça, ele acaba transfigurando-se em um ser cujo rosto destaca-se pela pele vermelha, queimada e olhos de fogo, possivelmente a representação de sua sombra.

Porém, no terceiro episódio intitulado "O quase príncipe das trevas", a cena na qual Lúcifer está prestes a punir um homem que se faz passar por ele para conquistar mulheres e beber de graça nos estabele-

¹³ Lúcifer refere-se, nessa passagem, às suas asas de anjos que foram roubadas de um container no qual ele as guardava desde que chegou na Terra.

cimentos que frequenta, indica comedimento por parte da personagem principal ao perceber que está exagerando nas ameaças de punição ao charlatão e reconhecer que está transferindo sua raiva e frustração ao falso Lúcifer, que, por sua vez acaba sendo liberado somente com uma advertência para que nunca mais use o nome dele.

Outro momento que revela uma mudança de comportamento de Lúcifer é a cena em que ele rejeita a possibilidade de ter relações sexuais com a detetive Decker, que aparece alcoolizada em seu apartamento após ser rejeitada pelo ex-marido. Apesar de perplexo com a própria reação, Lúcifer acaba acolhendo-a e oferecendo-lhe seu ombro amigo.

Lapidar a persona, através de disciplina no exercício de vestir e desvestir papeis, bem como o reconhecimento, a aceitação e a integração da sombra compreendem os níveis iniciais do encontro consigo mesmo, conduzindo à uma possível superação da polaridade tese e antítese, numa síntese individual mais ampla, interessante e saudável (CREMA, 2017).

Para Graf-Durckheim (1988) somente quando se aventura repetidamente pelas zonas da aniquilação é que o contato com o Ser Divino, que está além da aniquilação, torna-se firme e estável. Quanto mais o ser humano aprende de todo o coração a confrontar o mundo que o ameaça com o isolamento, tanto mais lhe são reveladas as profundezas do Fundo do Ser e tanto mais se abrem possibilidades de nova vida e Vir-a-Ser.

Desse modo, ao mergulhar de corpo e alma na condição humana, Lúcifer inicia um processo de desconstrução e transformação pessoal que lhe revela, a cada situação vivida, um novo convite à reflexão e à ampliação do autoconhecimento e do desenvolvimento pessoal, lançando-o em direção a novas dinâmicas na relação consigo e com o outro. Esse caminho de transformação pelo qual passa a personagem principal da série além de fundamentar seu anseio de mudança de um *status quo* aparentemente inquestionável propicia a expansão de sua consciência no plano pessoal e social, bem como o emergir de valores universais tais como: responsabilidade, generosidade, compaixão, amor, amizade.

Para Crema (2017), a autêntica senda evolutiva implica no desafio da travessia do vale das trevas, do reconhecimento e aceitação das forças bestiais que habitam os abismos da alma. O exorcismo do arquétipo sombrio do mal naturalmente transcorre na medida em que se aprende, de forma disciplinada e gradativa, a amar compassivamente. Para o autor, há três etapas na edificação do Encontro. A primeira é a do *autoencontro*, encontrar-se consigo mesmo: reconhecer-se, aceitar-se, respeitarse, para que seja possível a autotranscendência. A segunda, é a do *alter encontro*, abrir espaço em si para o desconhecido: reconhecer, aceitar, respeitar o outro, para transcendê-lo. A terceira é a do *holoencontro*, abrir espaço em si para o Totalmente Outro: reconhecer, aceitar, entregar-se e coparticipar do Ser, do Infinito Eterno. Logo, caminha Lúcifer, ao que tudo indica, para o encontro com a unidade (CREMA, 2017).

Considerações Finais

O objetivo deste artigo é reconhecer a existência de elementos discursivos na série americana “*Lúcifer*”, primeira temporada, que possam conduzir ao caminho da reflexão acerca da dualidade, do bem e do mal, tal como a relação do conflito existencial, o caminho de transformação pessoal e o encontro com a unidade. A partir da questão referente à série “*Lúcifer*” oferecer um discurso capaz de conduzir à reflexão sobre a dualidade dos arquétipos do bem e do mal, do conflito existencial e do caminho de transformação para o encontro com a unidade.

Por meio da revisão teórica referente à semântica discursiva, chegou-se às seguintes considerações: a análise das cenas e discursos referentes aos processos de figurativização e tematização averiguou que o discurso de Lúcifer apresenta, no nível narrativo, a passagem de um estado de disjunção com a liberdade para um estado de conjunção com ela. Essa transformação é tematizada como a saída de Lúcifer do inferno e figurativizada por sua aposentadoria na Terra. Identificou-se ao menos doze temas abordados pela série, a saber: boemia, conflito familiar, corruptibilidade humana, fogo do inferno, impunidade, lascívia, luxo, luxúria, presença angelical na Terra, questão étnica, sensualidade e

sucesso financeiro. Observou-se que a utilização do recurso discursivo da ironia para figurativizar uma sátira ao fato de o diabo escolher a cidade dos anjos para viver e desfrutar de sua aposentadoria, fundamenta o aspecto irônico sobre a qual o discurso da série foi construído.

Quanto à maneira com que os arquétipos do bem e do mal são retratados no discurso verificou-se que, apesar da caracterização de Lúcifer associá-lo a temas como boemia, luxúria, corrupção e impunidade; por vezes é ele quem apresenta as virtudes associadas ao arquétipo do bem, tais como: amizade, contenção, empatia, honestidade, lealdade, misericórdia e generosidade. Em contrapartida, confere à parte dos personagens humanos a representação das fraquezas associadas ao arquétipo do mal, a saber: charlatanismo, egoísmo, falsidade, ganância, mentira, vingança e traição. Constatou-se, dessa forma, uma possível quebra de estereótipos no que tange ao padrão popularmente conhecido do conflito humano entre o bem e o mal, revelando-se viável repensar o lugar onde Lúcifer foi colocado ao longo da história: não o de um ser essencialmente mau, mas o de uma atribuição, um papel que o criador o confiou e ao qual a humanidade o condenou.

A análise da isotopia permitiu identificar que a recorrência do traço humano em variadas ações e comportamentos de Lúcifer, estabelecendo o primeiro plano de leitura (isotopia humana) é contraposta pela recorrência de aspectos que caracterizam o divino no humano (isotopia divina). No entanto, a superposição da isotopia humana sobre a divina é retomada com a possível mortalidade de Lúcifer, estabelecendo, com isso, um plano de leitura heterogêneo que garante certo suspense à trama, uma vez que a gama de possibilidades que se desdobra diante da personagem principal revela a questão da dualidade entre o ser eterno e o vir a ser diferente e também a inquietude de uma vida sem sentido, resultando no conflito existencial que o coloca de frente com a sua própria sombra e o impulsiona na procura por sua própria luz.

Notou-se que a mudança de comportamento da personagem central ao longo dos episódios da primeira temporada configura um processo de desconstrução e transformação pessoal pautado pela

mudança de um *status quo* aparentemente inquestionável, pela expansão de sua consciência no plano pessoal e social e pela busca da autotranscendência humana bem como o emergir de valores universais tais como: responsabilidade, generosidade, compaixão, amor, amizade.

Constatou-se que a série *Lúcifer* tem seu sentido multiplicado em vários discursos e não somente em um, tais como: o bom merece ser recompensado com o paraíso, o mau merece ser punido e sofrer no inferno, o bem e o mal estão dentro do ser humano, a responsabilidade do ser humano pelos seus atos e escolhas, entre outros.

Sendo assim, os elementos condizentes à semântica discursiva estabelecem uma relação harmônica entre os percursos de concretização do sentido, garantindo coerência e atualidade aos discursos presentes na série, apresentando uma perspectiva singular de Lúcifer que, por meio da ironia e do humor, convidam o telespectador à discussão entorno de valores oportunos ao desenvolvimento da cultura de paz, transitando pela quebra de paradigmas e pela desconstrução do estereótipo do mal, de sua imagem e de seu discurso.

Referências

- CREMA, R. **O Poder do Encontro**: origem do cuidado. São Paulo: Tumiak Produções, 2017.
- FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. 15^a ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. **Linguagem e ideologia**. 7^a ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FRANKL, V. E. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.
- GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GRAF-DURCKHEIM, K. **The way of transformation**. Londres: Allen&Unwin, 1988.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria

Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 2002. LUCIFER [Seriado]. Direção: Len Wiseman. Produção: Erik Holmberg, Jerry Bruckheimer, Michael Azzolino. Roteiro: Tom Kapinos. EUA: Fox Broadcasting Company, 2016, son., color.

MENON, M. C. **O diabo: um personagem multifacetado.** Revista Línguas & Letras, Cascavel, PR, número especial, p. 217-227, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1318/1071>. Acesso em: 06 dez. 2017.

NICOLESCU, B. **Projeto CIRET - UNESCO**

Evolução transdisciplinar da Universidade. Congresso internacional Que Universidade para o amanhã? Em busca de uma evolução transdisciplinar da Universidade, Locarno, Suíça: de 30 de abril a 02 de maio de 1997. Disponível em: <http://ciret-transdisciplinarity.org/locarno/locapor4.php>. Acesso em: 24 set. 2017.

_____. **O manifesto da transdisciplinaridade.** Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999. Disponível em: http://ruipaz.pro.br/textos_pos/manifesto_transdisciplinaridade.pdf. Acesso em: 22 set. 2017.